

# O beijo na parede

romance

© Autores, 2013

Capa: Letícia Lampert (sobre foto de Luis Antônio Gomes)

Projeto gráfico e editoração: Niura Fernanda Souza

Preparação de originais: Eduardo Cabeda

Revisão: Matheus Gazzola Tussi

Editor: Luis Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

---

T312b Tenório, Jeferson  
O beijo na parede / Jeferson Tenório. - Porto Alegre: Sulina,  
2013.  
134 p.

ISBN: 978-85-205-0692-9

1. Literatura Brasileira - Romance I. Título

CDU: 869.0(81)-31

CDD: 869.3B

---

Todos os direitos desta edição são reservados para:  
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Editora Meridional Ltda.  
Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101 – Bom Fim  
Cep: 90035-190 – Porto Alegre/RS  
Fone: (0xx51) 3311.4082  
Fax: (0xx51) 2364.4194  
www.editorasulina.com.br  
e-mail: sulina@editorasulina.com.br

Setembro/2013

# O beijo na parede

---

Jeferson Tenório

romance



*Editora Sulina*



*Para que serve o homem?  
Para estrumar flores,  
Para tecer contos?  
Para servir o homem?  
Para criar Deus?  
Sabe Deus do homem?*

Carlos Drummond de Andrade

“Desculpai-me esta morte. É que não pude evitá-la, a gente  
aceita tudo porque já beijou a parede.”

Clarice Lispector

Ao Eduardo Cabeda, ao Paulo Cezar Dias Rodriguez, e  
ao Sidnei Schneider pelas leituras atentas e sinceras.

Para João, meu filho, que já sabe onde fica o sertão.



# 1.

Eu estava tomando café da manhã quando vi o Ayrton Senna se espatifar na curva Tamburello. Era 1º de maio. Um ano depois, no mesmo dia, minha avó também se arreventou num poste na Av. Protásio Alves. Ela estava num táxi, era um fusca. Batida feia. Seu Ramiro, que é muito experiente, disse que no fim das contas todo mundo um dia vai bater de frente numa parede. Disse também que devemos nos preocupar com isso desde o início, pois mal aprendemos a limpar a bunda e já temos que saber que as pessoas quebram mesmo a cara, e que depois de aguentar uma vida inteira somos colocados num buraco e enterrados para sempre. Até o Ayrton Senna foi para um buraco, e isso que ele era campeão do mundo. O engraçado é que quando se está vivo, com saúde, ninguém pensa nessas coisas. Já notei que as pessoas chegam até a acreditar que são eternas. E pensam dessa forma porque têm necessidade disso para viver. Antes de a minha mãe morrer eu não conhecia a tristeza. Mas, quando ela se foi, deixei de ser ignorante nesse assunto. Também acho isso engraçado, porque ela morreu acreditando que eu seria feliz, que eu teria uma vida pela frente para ser o que quisesse. E há uma infinidade de coisas que se pode fazer no futuro. Fico muito impressionado com os planejamentos que as pessoas fazem a toda hora. Vai ver é por isso que elas dão tanta importância para ele. Mas quero dizer a vocês que não gosto do futuro. Nem dos planejamentos. Também quero acrescentar que sou um menino meio precoce. E quando a gente ganhar mais intimidade, eu conto por que fiquei assim. Se vocês acharem que vale a pena, eu conto.

Desde cedo aprendi que chorar não resolve muita coisa, embora o seu Ramiro tenha me dito certa vez que não há como escapar, pois,

de uma forma ou de outra, temos sempre que carregar alguma dor. Mas é preciso dar um desconto pra ele, porque além de ser uma pessoa de idade, ele também é triste. E depois que se tornou velho a única coisa que soube fazer foi aprender a doer.

Não estou acostumado com as pessoas interessadas em mim. Também nunca fui urgente para alguém. Isso me preocupa um pouco. Sei que a preocupação faz mal para a cabeça. Por isso estou contando minha vida, pois não quero me tornar uma pessoa atacada dos nervos como a Estela ou como a dona Dinorah. Hoje em dia as crianças são todas atacadas dos nervos.

Fui um aluno fraco e lerdo. Sei porque eu via isso na cara dos professores e eles tinham pena da minha lerdice. Achavam até que eu possuía uma espécie de autismo. Ou talvez que eu fosse retardado mental. Por conta disso, colecionei muitos boletins lamentáveis. E na escola aprendi que professores não acreditam em alunos lerdos. Eu era perseguido pela escola até em casa, quando ligavam para minha mãe e solicitavam a presença dela. Os professores reclamavam que eu era um menino lento para a aprendizagem e que o motivo das minhas reprovações era causado pela minha desatenção. Demorei três anos na primeira série para entender que “b” com “a” dava “ba”. Três anos. É sério. Três anos para fazer uma coisa besta dessa. Sempre fui um aluno fraco, mas não vou me esticar neste assunto. Mais tarde voltarei a falar disso, pois pretendo contar quem é o responsável pela fraqueza dos homens.

Quando me tornei maior, mudei meu comportamento na escola, daí fui acusado de ser hiperativo. Aliás, todos os meus colegas resolveram ser hiperativos. O que era bom, porque quando a gente aprontava era só colocar a culpa na hiperatividade. Minha mãe e meu pai nunca me bateram por causa disso. Meu pai porque bebia e, às vezes, se esquecia de mim. Minha mãe porque era muito doce. É só depois de algum tempo que nos damos conta de que a mãe da gente é doce e amável. Antes disso somos idiotas, porque ficamos muito mal-acostumados chorando e esperneando por qualquer coisa. Acho que sempre fui lento. Só fiquei esperto mesmo depois que ela morreu. Um dia, até



pensei que eu fosse eterno. E há uma quantidade imensa de bobagens que a gente pensa quando se é ignorante.

Não vou encher vocês falando de todos os lugares onde morei. Sei que estão interessados em saber outras coisas – os adultos sempre se interessam por coisas esquisitas. Mas acho que vale a pena dizer que a gente morava em Copacabana, na Ladeira dos Tabajaras. E também que estudava na escola Cícero Pena, na Av. Atlântica. Na terceira série, depois que já havia superado “ba”, aprendi a matar aula para dar uns mergulhos na praia. Confesso que nunca achei nada demais no mar. No entanto sempre gostei dos mergulhos e de sujar o corpo todo de areia para tirar na água. Aqui em Porto Alegre é que ouço as pessoas dizendo que o mar é isso e aquilo. Mas eu sinceramente não acho. E se é por questão de água ainda prefiro a chuva. Se bem que quando chovia na Ladeira dos Tabajaras era um deus nos acuda. Nossa casa não tinha ameaça de cair morro abaixo, mas os vizinhos da parte mais alta vinham buscar abrigo na nossa sala. Sem contar os alagamentos no pé da ladeira, que deixavam todo mundo ilhado. E esse foi um dos motivos que fez a gente se mudar para a Lapa. Eu disse que foi um dos motivos porque, além dos alagamentos, havia também os tiroteios por causa das brigas dos traficantes. E, como eu já disse, minha mãe queria que eu tivesse um futuro. Então fomos para a Lapa ter um futuro.